EDITORIAL

O PASTICHE, A CIÊNCIA BRASILEIRA E O POEMA DE MANUEL BANDEIRA

A Revista Entre-Lugar apresenta seu segundo número de 2021, sua vigésima quarta edição. Como nas outras edições a publicação deste número é resultado do empenho dos pareceristas, dos autores e do apoio técnico recebido da Editora da UFGD, a qual tem dedicado esforços para manter a qualidade e o funcionamento do portal de periódicos, mesmo frente a tantas adversidades registradas no ano de 2021.

O trabalho conjunto é uma marca importante da REL (Revista Entre-Lugar), ele permite dar continuidade aquilo pensado no passado quando da criação da revista e a publicação das edições semestrais. A elaboração da capa desta edição contou com o apoio de técnico Rafael Brugnolli Medeiros, egresso do PPGG-UFGD. A doutoranda Lidiane Perbelin Rodrigues se encarregou da revisão técnica dos artigos, isso no que se refere ao atendimento das normas. Agradecemos imediatamente ambos pelo trabalho realizado.

Sobre a capa desta edição. As figuras dos textos foram usadas como hachuras a fim de preencher o Entre-Lugar sempre presente no logotipo da revista. Não há uma exatidão métrica, prevalece a ideia do preenchimento do Entre-Lugar, o qual, como na realidade, não corresponde necessariamente há representações fixas. O leitor e os próprios autores deverão buscar nas figuras o significado geográfico do onde e seus por quês. A palavra pastiche aqui ganha o contexto presente nas artes plásticas, se mescla ao autor do poema que fecha esse editorial, usuário habitual dessa técnica.

O tempo pró-tempore e pandêmico, sobrecarregado e incerto, relatado no editorial da vigésima terceira edição, não se diluiu; registramos ainda a permanência de uma necropolítica e o desmantelamento daquilo que sustenta e/ou sustentava a universidade pública e a pesquisa científica brasileira.. As estruturas normativas, o fomento financeiro, o regramento, os princípios políticos e administrativos construídos e consolidados por décadas a partir de esforços individuais e coletivos cada vez se tornam mais frágeis e distantes do ideal. O contexto da pós-graduação brasileira se apresenta muito distante daquilo que foi vivenciado no período de 2000 a 2015 sob diversos aspectos, seja no que diz respeito ao financiamento e/ou regramentos normativos e/ou política institucional. O ano de 2021 é marcado assim por muitas

manifestações, cartas de repúdio e ações colaborativas na internet a fim de denunciar e evitar de alguma forma o desmantelamento da ciência brasileira. A ANPEGE (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia) e a SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) se demonstraram ativas nesse processo.

O PNPG proposto o interstício 2011-2020 foi incorporado ao PNE (Plano Nacional de Educação) instituído pela Lei 13.005 de 2014, em suas vinte metas para educação brasileira vislumbrava-se aumentar "qualitativa e quantitativamente o desempenho científico tecnológico do país e a competitividade internacional da pesquisa brasileira", e, "ampliar o investimento na formação de doutores de modo a atingir a proporção de 4 (quatro) doutores por 1.000 (mil) habitantes", ao contrário disto no presente observa-se um horizonte muito diferente.

A judicialização do processo de avaliação quadrienal da CAPES, os pedidos de renúncias nos comitês de áreas e o atraso na formulação do PNPG (Planos Nacionais de Pós-Graduação) para o período 2021-2030 são fragmentos das incertezas que se apresentam e corroem diuturnamente o sistema de pós-graduação brasileiro, e, por consequência, a formação de recursos humanos especializados, a pesquisa científica e o desenvolvimento de Ciência & Tecnologia. Esse panorama foi retratado na Revista Pesquisa Fapesp, Edição nº309 de novembro 2021, na reportagem "Turbulência no horizonte da pós-graduação", assinada por Fabricio Marques e disponível para leitura em: https://revistapesquisa.fapesp.br/folheie-a-edicao-de-novembro-de-2021.

Soma-se. O que se apresentava como factual no âmbito do CNPq no que diz respeito a oferta de editais e possibilidades de financiamento à pesquisa nos parece um pastiche quando comparado aquilo ofertado a comunidade científica brasileira em anos anteriores. A palavra pastiche aqui ganha o tom negativo da manipulação desprovida de validade e credibilidade. O corte imposto, a pedido do Ministério da Economia, a perda imediata de R$ 600 milhões no orçamento da ciência brasileira surge assim como aquilo relatado na batalha de Batracomiomaquia, uma paródia cômica presente em poema épico. Batracomiomaquia retrata a caricatura posta no corte do orçamento previsto para a ciência brasileira, o ato em si e seu significado em curto prazo para a ciência brasileira é desastroso – uma busca pela palavra batracomiomaquia permitirá compreender o contexto de seu uso. Nem mesmo aquilo que se apresentava como um patrimônio da comunidade científica brasileira, reconhecida internacionalmente, a Plataforma Lattes, não passou ilesa em 2021. O mesmo aconteceu com a

Plataforma Carlos Chagas. Ambas apresentaram problemas no decorrer do ano por falta de manutenção, prejudicando o cotidiano dos pesquisadores sob vários aspectos e formas.

Como aprendi nas minhas aulas de Geomorfologia Fluvial, um rio nunca se modifica abruptamente, raros são os casos; quase sempre são ações conjuntas, contínuas e interligadas que levam a sua modificação. A ação das ondas, por exemplo, em seu movimento contínuo e ininterrupto na base de suas margens leva ao solapamento, desencadeia movimentos de massa na forma de blocos, cuja consequência é a erosão e o assoreamento. O que se observou assim na CAPES e no CNPq no ano de 2021 foi o solapamento da estrutura que formam, que dão sustentação, ao desenvolvimento da Ciência & Tecnologia do país – infelizmente. Daí a importância da Nota de Pesquisa, **CNPq e a genealogia de um desmonte,** escrita pela pesquisadora Denise Elias, nela encontraremos com objetividade, números e fatos sobre o quadro de fragilidade posto, o solapamento da ciência brasileira em curso.

O segundo número de 2021 da Revista Entre-Lugar apresenta aos seus leitores como sempre textos inéditos, decorrentes de experiências de pesquisa realizadas em diversas partes do Brasil. O texto de abertura é um registro especial, um fragmento da tese de doutorado de Alex Dias de Jesus, **Redes da migração haitiana no Mato Grosso do Sul**, agraciada pela CAPES como a melhor tese de Geografia no ano de 2021. Publicar o texto desse jovem pesquisador é um privilégio.

Os artigos que se seguem. **A paisagem entre a região e o lugar** explora campos da congruência semântica da categoria paisagem e seu diálogo com a região sob o aspecto teórico-conceitual, tendo como elemento de analise o movimento conhecido como virada cultural; faz reflexões sobre o uso do sentido da paisagem e sua construção nas formas discursivas.

O urbano no contexto acadêmico analisa o banco de dissertações do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Piauí (PPGGEO-UFPI), o propósito, averiguar o estado da arte dos trabalhos voltados ao contexto da urbanização, evidenciando os procedimentos metodológicos utilizados nas pesquisas. Observa-se uma contribuição importante da pós-graduação em Geografia no que diz respeito ao estudo das cidades do Piauí – condição que reforça a importância dos programas de pós-graduação no âmbito da pesquisa brasileira. Essa importância também se faz presente no artigo **Diagnóstico físico-ambiental da bacia hidrográfica do rio Santo Antônio**, resultado de pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFGD, cujo objetivo foi analisar os componentes físicos e

antrópicos dessa bacia hidrográfica de Mato Grosso do Sul fazendo uso de geoprocessamento e SIGs. Os resultados revelam a ocorrência de processos erosivos em função do uso e ocupação de áreas com restrições ao uso agrícola, uma condição que se repete com frequência no estado e sem trabalhos semelhantes não é possível a implementação de ações mitigadoras.

Geography, landscape and photogeography an experience in teaching deaf students aborda um tema desafiador, a inclusão de alunos com deficiência no processo de ensino-aprendizagem da Geografia. A proposta usa a geoiconográfica como instrumento, relata e analisa a experiência realizada com alunos surdos matriculados do 6º ao 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública do Distrito Federal/Brasil. O foco, encontrar as relações e possibilidades de ensino-aprendizagem tendo como base três eixos: paisagem, fotogeografia e transdisciplinaridade. Observa-se a experiência sensitiva vivida durante atividade de campo, revela uma compreensão de mundo no a ausência parcial ou total do som cria outras dimensões, a espacialidade geográfica ganha uma outra estrutura lógica, registrada por meio de fotografias. Um texto singular e importante, acreditamos que sua publicação permitirá a realização de experiências semelhantes e ampliará o debate sobre a inclusão e a necessidade de uma Geografia inclusiva.

Para além dos artigos encaminhados em fluxo contínuo e selecionados para essa edição uma Seção Temática, "**Técnicas Estatísticas e de Modelagem aplicadas à Climatologia**", se faz presente. A ST (Seção Temática) foi construída visando incentivar e promover à pesquisa científica no campo da Geografia. Elaborada a partir de uma ação colaborativa e interinstitucional a ST contou com um editor convidado, o Prof. Dr. Fabio de Oliveira Sanches, da Universidade Federal de Juiz de Fora. Uma experiência profícua cujo resultado inspira a realização de outras ST no futuro. O professor Fabio Sanches assina também o Editorial dessa edição.

Sobre a ST trazemos um conjunto de artigos que buscam demonstrar diversas técnicas estatísticas aplicadas aos estudos de climatologia desenvolvidos por geógrafos. O artigo intitulado **Aplicação e avaliação de técnicas para o preenchimento de falhas de dados pluviométricos em anos habituais, secos e chuvosos** traz a comparação de técnicas estatísticas para o preenchimento de falhas (*regressão linear* e *ponderação regional*) em dados pluviométricos mensais, bem como a aplicação de técnicas para avaliação da consistência dos valores preenchimentos (*Coeficientes de Determinação, Correlação de Pearson, Teste Dupla-*

Massa, teste t de Student, Erro Médio Absoluto, Erro Relativo Médio e da Raiz do Erro Quadrado Médio), sobretudo para anos considerados, na Climatologia Geográfica, como *habituais*, *secos* e *chuvosos*.

O artigo **Validação estatística de dados do *Tropical Rainfall Measuring Mission* (TRMM) para a bacia hidrográfica do rio Jordão – Paraná – Brasil** nos apresenta uma alternativa para um antigo problema comumente enfrentado por climatologista/climatólogos, além das falhas de dados, a inexistência de estações meteorológicas em localidades de difícil acesso e/ou áreas remotas. Por meio dos recursos do satélite TRMM e de sua grade de dados, é demonstrado um método, e porque não também chamar de técnica, de ajuste e correção de seus dados à partir de dados obtidos em estações meteorológicas de superfície: *a proposição de um modelo*. Assim como o artigo sobre preenchimento de falhas, o qual abre essa ST, foram adotados procedimentos estatísticos que buscaram a validação e consistência dos dados obtidos.

Ambos os artigos demonstram o profundo cuidado e zelo com uma etapa extremamente importante em qualquer pesquisa em climatologia: *a coleta, a organização e preparação dos dados para análises posteriores*.

No texto **Dados discrepantes ou *outliers*: avaliação da quadra chuvosa do semiárido do RN, Brasil** os leitores poderão encontrar técnicas qualitativas (*Boxplot* e *Dotplots*) e quantitativas (*Escore Z, Escore Z Modificado, Grubbs* e *Dixon*) para avaliar a ocorrência de dados discrepantes de precipitação no semiárido do estado do Rio Grande do Norte, considerando condições climáticas caracterizadas como *habituais* ou *excepcionais*.

Estudos sobre a região nordeste do Brasil são igualmente trazidos no artigo intitulado **Análises estatísticas da precipitação e temperatura do ar em ambientes semiáridos**. Nele, os autores exploram a adoção de técnicas da estatísticas descritiva (*média, mediana, desvio padrão e anomalias*) e inferencial (*t* de *Student*, *Mann-Kendall* e *ANOVA*) a fim de caracterizar diferenças em parte do semiárido nordestino.

Técnicas analisando as anomalias das chuvas e dos índices de seca meteorológica (*Índice de Anomalia da Chuva, Índice Padronizado de Precipitação Modificado* e *decis*), bem como análises de dispersão são desenvolvidos no artigo **Climatologia do regime de chuvas em Campina Grande/PB: modelos e variabilidades**.

A avaliação de tendências também foi objeto de estudo em parte da região do Triângulo Mineiro, presente no texto **Avaliação da tendência da precipitação no município de Campina Verde (MG) no período de 1976 a 2020**. Nele os autores empregam a técnica consagrada em estudos sobre longas séries temporais na busca por evidências de mudanças no comportamento da pluviosidade, por meio de planilha eletrônica *MAKESENS-application for trend calculation*, disponível na web para pesquisadores que se debruçam sobre o tema.

Estudos sobre a climatologia na região Norte do Brasil são apresentados nos artigos **Teleconexões atmosféricas e vazão fluvial na bacia amazônica brasileira por meio de mapas de correlação linear**, e, **Caracterização e variabilidade climática baseada em séries de temperatura e precipitação nos municípios de Manaus (AM) e Belém (PA)**. No primeiro, são demonstradas as correlações entre os padrões de teleconexões atmosféricas e as vazões dos rios da bacia amazônica por meio da aplicação de *técnicas de análise de clusters* e de *coeficientes de correlação linear*. No segundo artigo são aplicadas *técnicas de estatística descritiva* e *modelagem polinomial* para demonstrar e compreender as mudanças no comportamento das temperaturas e precipitações em Manaus e Belém, à partir da segunda metade do século XX.

Os dois últimos artigos da ST, mas não menos importantes, versam sobre estudos em Climatologia Urbana. O artigo **Variação espaço-temporal da temperatura do ar no perímetro urbano de Ponte Nova, na Zona da Mata Mineira** busca compreender as variações de temperatura na cidade de Ponte Nova (MG) analisando-os sob a perspectiva das *diferenças e semelhanças estatísticas*, *técnicas dos quantis* complementando suas análises por meio de técnicas como *Sky View Factor* e a *participação das massas de ar* no período de coleta dos dados. Por sua vez a **Utilização do índice de área construída (IBI) para análise da evolução espaço-temporal da temperatura da superfície continental (TSC) na região metropolitana do rio de janeiro (RMRJ)** nos traz o sensoriamento remoto como ferramenta de análise da atmosfera urbana, tendo como viés a compreensão da importância de averiguar as mudanças em sua superfície e suas correlações diretas e indiretas no clima urbano das cidades. Por meio do uso das imagens de satélite e seus recursos foi possível extrair um conjunto de índices e equações a partir de características físicas registradas pelos sensores remotos.

Para além do que já foi brevemente descrito sobre cada artigo da ST, cabe ressaltar, o caráter eminentemente didático apresentado nas técnicas estatísticas empregadas. Essa

característica norteou a seleção dos artigos publicados, uma vez que essas e outras técnicas se mostram cada dia mais eficazes como ferramentas de análise para a Climatologia, sobretudo, para a Climatologia desenvolvida por geógrafos.

A ST trata-se, portanto, de uma contribuição aos estudos desenvolvidos por colegas da Geografia, pesquisadores da área da Climatologia, a qual tem ampliado, se apropriado do uso de ferramentas, de técnicas e de métodos da Estatística.

A edição termina com a resenha **Um breve comentário a respeito do IPCC AR6,** resultado da leitura e avaliação do Sexto Relatório de Avaliação (AR6) publicado pelo IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas) em agosto de 2021. Como o próprio autor escreve "a publicação sintetiza o conhecimento sobre as bases físicas das ciências relacionadas ao clima, analisa as evidências científicas da mudança do clima tomando como parâmetro mais quatorze mil estudos". O relatório reforça tendências passadas, evidencia e não deixa dúvidas sobre qual o papel da sociedade no que tange a mudança do clima global, é enfático sobre a gravidade do problema.

Aqueles que chegaram até aqui, nossos agradecimentos. A mensagem permanece; que o conhecimento científico seja sempre aquele a descortinar o achismo e a ignorância, aquele a eliminar os dogmas e o fanatismo. Que a poesia, a literatura, a arte e outras formas de expressão nos ajudem a ir além da lógica e da racionalidade formal, para com isso sermos mais humanos – inclusive para compreendermos com clareza a importância e o papel social da Ciência. Cada vez mais isso nos parece essencial e reforça os princípios editoriais da REL.

Quando do término deste editorial a campainha soa, a cena cotidiana se repete, a pergunta se faz presente novamente: "**Tem algo para dar?!**". Nesses tempos o pedido por comida é o mais comum. O flagelo que se abate sobre a comunidade indígena em Dourados é reconhecido nacionalmente, são eles os invisíveis, os transeuntes e os mais necessitados. Paradoxalmente na cidade cercada por commodity há fome, muita fome. O poema de Manuel Bandeira, "O Bicho", escrito em 1947, surge como um lampejo; passados setenta e quatro anos, em pleno século XXI, sua crítica social se apresenta como real e retrata fielmente aquilo que ainda presenciamos em Dourados e outras partes do Brasil nesse momento histórico marcado pela pandemia, arbitrariedades, fome e em certa medida a desesperança:

Vi ontem um bicho
Na imundície do pátio
Catando comida entre os detritos.

Quando achava alguma coisa,
Não examinava nem cheirava:
Engolia com voracidade.

O bicho não era um cão,
Não era um gato,
Não era um rato.

O bicho, meu Deus, era um homem.

(Manuel Bandeira, "O Bicho", 1947)

Que possamos incrementar, incentivar e fomentar o desejo por publicar, por se fazer ciência! Que possamos seguir acreditando em dias melhores! Em dias sem fome.

Charlei Aparecido da Silva
Editor da Revista Entre-Lugar

Bruno de Souza Lima
Secretário Executivo

Fabio de Oliveira Sanches
Editor da Seção Temática

Dourados (MS) – 2021

Final de Primavera, nunca é demais reafirmar aquilo que já foi dito:

"O pobre pode e deve comer camarão, ele tem o direito de ter o que produz."